

fonte: Journal da Saúde class.: 193  
 data: 22/11/94 pg.: 73

# Mogno: aumenta ameaça.

AS EXPORTAÇÕES DE MADEIRA DA AMAZÔNIA DEVEM AUMENTAR 30% AO ANO, NOS PRÓXIMOS TRÊS ANOS. FALTA FISCALIZAÇÃO DO IBAMA.

Agrava-se a ameaça sobre o mogno brasileiro: as exportações de madeira da Amazônia aumentarão 30% ao ano, nos próximos três anos, segundo prevê a Companhia das Docas de Belém. Essa é a meta da Associação da Indústria Exportadora de Madeira do Pará (Aimex), responsável por 80% das exportações. A Aimex enviou representantes à reunião da Convenção para o Comércio Internacional de Espécies em Risco (Cites), semana passada em Miami, e fez muita pressão para que o mogno não fosse incluído entre as espécies ameaçadas de extinção, o que obrigaria maior controle sobre a origem da madeira.

A situação preocupa os ambientalistas, que vêm denunciando graves irregularidades, entre elas a origem ilegal da madeira exportada. Só se pode comercializar mogno com autorização do Ibama, que deve vistoriar a área de onde será retirada a madeira e fiscalizar as cotas. Mas, baseados em

laudos do Ibama, os ambientalistas provaram recentemente que autorizações de desmatamento têm sido concedidas sem vistoria. Fazendeiros do Pará denunciam a existência de escritórios de despachantes especializados em conseguir, junto ao Ibama, licenças para desmatamento sem vistoria da área, ao custo de R\$ 10 mil.

Os ambientalistas dizem que essa é a maneira de se "esquentar" o mogno extraído ilegalmente. Segundo eles, o aumento das exportações deverá agravar o quadro de invasões de propriedades parti-

culares, áreas protegidas e reservas indígenas, motivadas pelo elevado preço do mogno, além da falta de fiscalização. A madeira é comprada dos índios (ou de invasores de terra) por US\$ 45,00 o m<sup>3</sup> e vendida no mercado internacional por US\$ 850,00 o m<sup>3</sup> (mogno da melhor qualidade, tipo FAS).

Sem fiscalização, a atividade de madeireiros dentro de reservas indígenas — proibida mesmo com consentimento dos índios — está cada vez mais ousada. Recentemente, foi preso Iron Fernandes da Silva, que, através de uma empresa fictícia, firmou contrato para prestação de serviços de saúde à comunidade caiapó de Pucano, no Pará. O serviço de "saúde" incluía motosserras, 25 caminhões, abertura de estradas, 180 trabalhadores e fretamento de aviões para levar os caciques até o posto da Funai para tentar a liberação do mogno apreendido.

Também estão se tornando frequentes as invasões aos postos da Funai para roubo de madeira apreendida, como a que ocorreu há duas semanas no município de Vilhena, divisa de Rondônia e Mato Grosso.

A entidade ambientalista Amigos da Terra Internacional entregou, há alguns dias, um relatório ao Ibama, baseado na análise de laudos técnicos e relatórios do próprio órgão e da Funai, comprovando que parte do mogno exportado está sendo embarcado sob o rótulo de "outras madeiras não especificadas", para burlar a fiscalização da Polícia Federal.

**Patrícia Ferraz**

Por apenas R\$ 10 mil, madeireiros conseguem licença sem vistoria da área.



Extração de mogno: até reservas indígenas são invadidas.

## EXCELENTE NEGÓCIO

**Os exportadores cobram até US\$ 850 o metro cúbico**

O Brasil é responsável por cerca de 5% do abastecimento de madeira no mercado internacional. Nos últimos dois anos, em função das restrições adotadas na Malásia, e da previsão de esgotamento das reservas de madeira da Ásia (80% do abastecimento mundial), os preços do mogno deram um salto. Em 1992, o valor do mogno de melhor qualidade para exportação (tipo FAS) passou de US\$ 700,00 o m<sup>3</sup> para US\$ 1.000,00 o m<sup>3</sup> — hoje vale US\$ 850,00 o m<sup>3</sup>.

O mogno brasileiro é exporta-

do principalmente para os Estados Unidos (26%), Inglaterra (11%) e outros países da Europa (14%). Nos dois últimos anos, a média mensal de exportações de madeira no Porto de Belém (por onde sai 90% da madeira da Amazônia) subiu de 27.527 toneladas para 41.630.

Segundo dados da Aimex, as exportações de madeira da Amazônia no ano passado somaram 1.800.000 m<sup>3</sup> ao valor total de US\$ 312.175.000,00. Segundo os ambientalistas, boa parte dessa madeira sai de forma ilegal.